

humanitas



Vol. XXVII-XXVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXVII E XXVIII



COIMBRA
MCMLXXV-MCMLXXVI



A PALAVRA *LUSÍADAS*

André de Resende deixou problemas em aberto à posteridade, certamente sem disso ter consciência muito exacta. Como todo o humanista, ambicionava a glória literária, que Cícero tão eloquentemente exaltou no discurso em defesa do poeta Árquias, mas decerto nunca ocorreu ao eborense pensar nas questões em que os vindouros mais iam deter-se, de entre as muitas que lhe dizem respeito.

Durante anos, discutiu-se em Portugal o significado do «L.» anteposto ao seu nome latino: L. Andreas Resendius. Seria a abreviatura latina de «Licenciado»? Seria o prenome romano «Lucius»?

D. Carolina Michaëlis resolveu o caso definitivamente em favor de «Lucius». E embora a grande romantista não tenha acertado nos motivos por que Resende escolheu o prenome «Lucius» e não outro qualquer (ele nasceu em dia de Santa Luzia, como tive¹ ocasião de revelar em 1970), ficou demonstrado para sempre por D. Carolina que «L.» vale por *Lucius*.

Todavia, muitos anos depois de a questão estar encerrada, ainda continuava a ser exposta toda a bibliografia sobre o caso e havia quem se mostrasse indeciso quanto à solução a dar-lhe, hesitando em presença da correcta interpretação, como se esta não tivesse sido alcançada já.

É para esclarecer uma situação parecida com a que acabo de referir, que retomo aqui o problema da origem da palavra *Lusíadas*, pois uma errónea hipótese, há anos posta a circular, continua tendo seguidores que lhe dão curso em edições do poema, com larga expansão.

O nome *Lysiades* surgiu a primeira vez, como todos sabem, no *Carmen eruditum et elegans Angeli Andreae Resendii Lusitani, adversus stolidos politioris litteraturae oblatratores*. Resende usava ainda então

¹ No artigo «Lucius Andreas Resendius. Porquê Lucius?», *Humanitas*, 21-22, 1969-70, pp. 353-364.

o prenome latino «Angelus», em homenagem a sua mãe, que vicia a ser substituído mais tarde por «Lucius». O poema, conforme é também do conhecimento geral, foi publicado pelo impressor Froben, de Basileia, em 1531, por iniciativa de Erasmo que, lisonjeado com os elogios que Resende lhe fazia, tomou a iniciativa da sua impressão, sem consultar sequer o humanista português.

Mais tarde, o *Carmen eruditum et elegans* foi reeditado já com o título por que hoje é conhecido de *Erasmi Encomium*. Os versos que nos interessam são os seguintes:

Inclyte Erasme,
non tibi Lusiadae infensi. Te noster adorat
divus Ioannes fraterque Alphonsus et ipsam
effigiem certe miro venerantur amore
et uoluunt studio libros auroque decorant.

«Glorioso Erasmo, os descendentes de Luso não são teus inimigos! Adora-te o nosso rei João e seu irmão Afonso. Ambos veneram o teu retrato com incrível afecto, manuseiam com interesse os teus livros e mandam-nos dourar.»

Note que a palavra usada por Resende é um tema *a* masculino, cuja flexão no singular será *Lusiades, ae*, à maneira daquele *Aeneades, ae*, que Lucrécio comprega para designar os Romanos, logo ao abrir do *De Rerum Natura*, e os poetas latinos da época imperial repetiram.

Posteriormente, em 1545, no *Vincentius levita et martyr*, sobre o santo padroeiro de Lisboa, poema escrito possivelmente à roda de 1531 também, pois os versos em que ocorre a palavra *Lusiadae* foram recitados publicamente, na Universidade lisiponense, em 1534², o humanista volta a empregar a palavra. Além disso, em duas notas ao poema, a 24 e a 48 do canto II, explica ele, respectivamente, a origem mitológica de «Lusitânia» e a filológica de «Lusíadas».

Na primeira das notas, André de Resende comenta o conhecido passo em que Plínio, *Historia Naturalis*, III, 1, 8, cita o polígrafo Varrão,

² O Dr. B. Xavier Coutinho, *Ensaíos: Varia Camoneana e Outros Estudos*, Porto, 1941, p. 190, diz que esta oração foi «prononcée de nouveau en 1551, à Coïmbre où l'on venait de transférer l'Université». É um erro. A oração de 1551, em Coimbra, é outra oração. Também a oração de 1534 não foi impressa «chez les Germani Gaillard Galli», porque Germain Gaillard francês era um só...

usando a seguinte lição pliniana: «Lusum enim Liberi patris ac Lysam cum eo bacchantem nomen dedisse Lusitanaiae».

O comentário de Resende é: «Quorum est sensus. Lusum Liberi patris filium non autem socium, ut quidam contra loquendi usum interpretantur, una cum Lysa, nimirum Liberi socio, nomen Lusitaniae nostrae dedisse». Ou em português: «O sentido destas palavras é o seguinte: Luso, filho de Liber Pater e não seu companheiro, como alguns, contra o bom uso da linguagem, interpretam, juntamente com Lisa, certamente companheiro de Liber (ou Baco), deram o nome à nossa Lusitânia».

A segunda das notas (II, 48) é: «A Luso, unde Lusitania dicta est, Lusiadas adpellauimus Lusitanos, & a Lysa Lysiadas, sicut ab Aenea Aeneadas dixit Virgilius. Nec male subcessit. Nam video id multis adlibuisse, praesertim autem *Georgio Coelio*, Lusitaniae nostrae ornamento, siue poeticam facultatem, siue Ciceronianae orationis aemulationem spectes». Texto que, vertido para a nossa língua, dá: «De Luso, de quem foi chamada a Lusitânia, chamámos Lusíadas aos Lusitanos, de Lysa Lysíadas, tal como Virgílio disse Enéiadas a partir de Eneias. E a palavra não teve pequeno êxito. Vejo, na verdade, que agradou a muitos, principalmente a Jorge Coelho, ornamento da nossa Lusitânia, quer se encarem os seus dotes poéticos, quer a sua feliz imitação da oratória ciceroniana».

Quem ganhou com esta nota foi Jorge Coelho, assim proclamado poeta distinto, título que, em minha modesta opinião, ele não merece. Devido ao testemunho de Resende, é que o seu rival Coelho (*Coelius*, como ele gostava de ser chamado, ou *Cuniculus*, como o apelidara Resende, em dia de mau humor) teve fama de grande poeta novilatino, entre aqueles que nunca o leram. Afinal, está muito abaixo de outros poetas de menor fama: de Pedro Sanches, de Inácio de Moraes, de Diogo Pires, isto para não falar do próprio André de Resende.

Quem julgar que exagero, leia a sua obra mais famosa, o poema *De Patientia Christiana* que bem merece este nome, isto é, *Acerca da Paciência Cristã*, porque, para o ler e seguir o emaranhado do seu desenvolvimento, é necessária toda a paciência de um latinista, seja ele cristão ou mouro.

Mas, voltando à nota de Resende. Ninguém pode duvidar de que o eborense se considerava o autor da palavra e que tirava da sua invenção não pequeno prazer. E não é menos verdade que no seu tempo ninguém lhe negou a autoria.

Estavam as coisas neste pé, quando um dia, quatrocentos anos mais tarde, em 1933, o Dr. Alfredo Pimenta, conhecido publicista, muito atreito a polémicas ruidosas na imprensa, resolveu dar uma volta aos livros antigos da biblioteca do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, de que havia sido nomeado director.

Na inspecção que fez, foi encontrar a obra *Antiquarum Lectionum Libri XVI* do humanista italiano *Ludovicus Caelius Ricchierius Rhodiginus*, cuja primeira edição é de 1516. Pegou no livro e percorreu-lhe o índice. Sem grande trabalho, aí foi encontrar o registo *Lusiades nymphae* e pensou ter descoberto algo de muito importante, nada menos do que a prova de que André de Resende não fora o criador da palavra *Lusiades*. E logo se propôs desmistificar o humanista de Évora.

Pode ler-se um relato completo da descoberta de Alfredo Pimenta no capítulo chamado exactamente «O Título dos Lusíadas» e publicado em seus *Novos Estudos Filosóficos e Críticos*, depois de ter saído no lisboeta *Diário de Notícias*. O livro, foi editado em Lisboa, pela Imprensa Nacional, no ano de 1935.

De que se tratava afinal?

Referia-se o erudito Caelius Rhodiginus à vida cómoda levada pelos habitantes de Síbaris, no Sul da Itália, que, por esse mesmo teor de vida, ficaram conhecidos na tradição greco-latina. Daí, a passagem do nome próprio «Síbarita, habitante de Síbaris», a nome comum, com o sentido de «amigo do conforto, epicurista».

Antes de Caelius Rhodiginus, o escritor grego do século III, Ateneu, autor do *Δειπνοσοφιστά*, escreveu neste diálogo enciclopédico: *Τῶν θέρους οἱ νεώτεροι αὐτῶν εἰς τὰ τῶν Νυμφῶν ἄντρα τῶν Λουσιάδων ἀποδημοῦντες διετέλουν μετὰ πάσης τροφῆς*, ou em português, «No Verão os adolescentes deles (dos Sibaritas), deslocando-se às grutas das ninfas Lusíades³, passavam o tempo com toda a comodidade».

Caelius Rhodiginus cita expressamente Ateneu um pouco antes, entendendo-se que o seu texto latino é reprodução daquilo que diz o escritor grego. Eis o passo do humanista italiano: «Iuniores aestiuos transmittunt ardores per delicias maximas apud Nympharum ἄντρα, quas dicunt Lusiadas»⁴. Ou em versão portuguesa: «Os (Sibaritas)

³ Em grego, *Λουσιάδες*. Como a palavra tem *ᾱ* breve, através do latim a palavra torna-se em português *Lusiades*.

⁴ Acusativo de flexão grega.

mais jovens passam os calores do Verão, no meio das maiores delícias, em cavernas de Ninfas chamadas Lusíadas.»

As ninfas, ao que parece, eram assim chamadas do nome de um regato que passava na região, denominado *Λουσίας*, *ov* (*δ*) e conhecido hoje por Lucino ou Lucido, segundo o *Dictionnaire Grec-Français* de Bailly.

A identificação da fonte, apesar de Ateneu ser citado por L. Caelius Rhodiginus, não foi feita por Alfredo Pimenta, mas pelo Dr. Bernardo Xavier Coutinho que colheu a referência no artigo «Lousias» de Pauly-Wissowa, *Real Encyclopädie der Klassischen Altertumswissenschaft*. Depois disso, em artigos já hoje numerosos, de jornais e revistas, a seguir republicados em livro, não se tem cansado de apregoar o novo étimo de *Lusíadas*. Ainda recentemente, durante as comemorações do quarto centenário da publicação de *Os Lusíadas*, ele não faltou com mais uma defesa da sua teoria, escrevendo um artigo para a revista *Panorama*, n.ºs 42-43, IV Série, Lisboa, 1972, pp. 15-19, em que volta a repetir os seus tradicionais argumentos. E a maneira como encabeça a sua colaboração neste número comemorativo é bem expressiva: «O título da epopeia de Camões — essa prestigiosa palavra *Lusíadas*...»

No entanto, para o leitor com preparação linguística, a questão ficou arrumada, logo ao nascer, com as objecções que o helenista Fernand Chapouthier publicou no *Bulletin Hispanique*, tome XXXVI, 1934, pp. 441-443, modelares de objectividade e são critério linguístico. Cito-as do próprio livro de Xavier Coutinho, *Ensaio. Varia Camoeneana e Outros Estudos*, Porto, 1941, p. 175:

«La prétendue dérivation soulève une triple difficulté:

1.º — Quelle relation sémantique peut-on établir entre des Nymphes et les descendants de Lusus? Se trouvera-t-il des savants pour admettre que leurs qualités de navigateurs aient suffi à les faire assimiler à des déesses aquatiques?

2.º — Même à le supposer contre toute vraisemblance, pensera-t-on que l'humaniste n'eût pas choisi alors des Nymphes plus fameuses et se fût contenté des modestes habitantes du ruisselet sybaritain?

3.º — En fin peut-on même dire qu'il s'agisse du même mot? Le suffixe en *-ades* que nous offre le mot grec n'a rien de commun avec le patronymique — *adau* (latin: — *adae*) que suppose le mot portugais.»

A objecção semântica foi posta também em relevo por José Maria Rodrigues que, apesar de honrado pelo Dr. Xavier Coutinho com

a dedicatória do seu artigo inicial no periódico lisboeta *Novidades*⁵, se referiu mais tarde jocosamente a tal hipótese, rejeitando qualquer relação entre «as ninfas do rio Lousios» e «os habitantes da Lusitânia». Disse o Professor José Maria Rodrigues, em comunicação à classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa, feita em 24 de Março de 1938: «Insistir neste ponto seria deprimente para a erudição nacional; seria como se alguém quisesse demonstrar, por exemplo, que as actuais lavadeiras de Coimbra são as legítimas representantes dos pastores lusitanos comandados por Viriato, pois estes se aproveitavam da água do Mondego e aquelas continuam a aproveitar-se⁶».

A comparação de José Maria Rodrigues, se mostra claramente o que ele pensava da hipótese do Dr. Xavier Coutinho, não me parece, por outro lado, feliz, pois, apesar de tudo, há muito maior relação entre as lavadeiras do Mondego, que já corria na antiga Lusitânia, e os Lusitanos que nela viviam, do que entre «as ninfas do rio Lousios» e os portugueses situados a alguns milhares de quilómetros desse rio.

Ainda nessa comunicação José Maria Rodrigues afirma peremptoriamente: «Devo dizer que são inúteis todas as tentativas que se têm feito para contestar a Resende a autoria da palavra *lusiadas*, na significação de *lusitanos*» (p. 57).

Uma explicação aceitável para a semelhança, em português, do nome das ninfas com o dos descendentes de Luso, foi proposta, com o seu bom-senso habitual, pelo malogrado filólogo brasileiro Serafim da Silva Neto. Para ele, trata-se de um caso de convergência fonética. No seu livro *Mestre André de Resende — A Santa Vida e Religiosa Conversação de Frei Pedro, Porteiro do Mosteiro de S. Domingos de Évora. Edição fac-similada do único exemplar conhecido, acompanhada de transcrição, introdução e notas por Serafim da Silva Neto. Prefácio-Estudo de Jaime Cortesão*. Edição Dois Mundos, Rio de Janeiro, s. d. (1948), Silva Neto escreveu, na p. 208: «É um caso de formas convergentes, para usar linguagem da técnica filológica. De um lado, existe a forma helénica Lousiades, nome de certas ninfas gregas, doutro a palavra *Lusiadas*, os Portugueses, criada por volta de 1531, por Mestre André de Resende».

⁵ Cf. o livro citado na nota 2, p. 185, nota (continuação da p. 184).

⁶ *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras*, tomo III Lisboa, 1938, p. 59.

Glosando o pensamento do mestre brasileiro, pode-se acrescentar que, por exemplo, o verbo português «fiar», «tecer fios», proveniente do latim *filare*, não é o mesmo que *fiar*, «entregar fiado, sem pagamento», vindo do latim popular **fidare* que substituiu o latim culto *fidere*. A convergência dos dois verbos com a mesma grafia *fiar* presta-se até a jogos de palavras como o que fez Gil Vicente no *Auto da Lusitânia*, quando Lediça responde ao Cortesão namorador:

Cor. Senhora sois minha vida,
fiai no que digo eu.
Lediça. Não tenho roca de meu,
nem depois que sam nacida
nunca minha mae ma deu.

(*Copilaçam*, fol. CCXXXIX)

Mais recentemente, o professor holandês José Van den Besselaar, no artigo «A propósito do título de *Os Lusíadas*», na *Revista de História Literária de Portugal*, Coimbra, II (1967), 59-66, ignorando (ou, pelo menos, não citando) as discussões anteriores, insiste nas objecções de carácter morfológico, já postas por Fernand Chapouthier, atrás mencionado, e expande-se em considerações sobre o texto de Plínio, aproveitado por André de Resende. A este ponto voltarei adiante.

Resumindo a posição de Van den Besselaar, assim a ela me referi, em nota do meu livro *Estudos Camonianos*, Coimbra, 1975, p. 28: «(...) estuda cuidadosamente o problema da diferença de flexão entre o genitivo (*Νυμφῶν*) *Λουσιάδων* de Ateneu, *Deipnosophistae* XII, 519c, e o genitivo *Λουσιαδῶν* que seria o de *Λουσιάδης* (= Lusíades), se a palavra tivesse existido em grego».

Também aqui, à semelhança do que fizemos com Serafim da Silva Neto, podemos objectivar o pensamento do filólogo holandês, dando paralelamente a flexão de *Λουσιάδες*, *ων* (*ai*), as «ninfas», e a de *Λουσιάδαι*, *ων* (*oi*), «os descendentes de Luso». Dado que esta última forma geralmente aparece no plural, será portanto a flexão neste número que nos servirá de termo de comparação:

N. V.	<i>Λουσιάδες</i>	<i>Λουσιάδαι</i>
A.	<i>Λουσιάδᾶς</i>	<i>Λουσιάδᾶς</i>
G.	<i>Λουσιάδων</i>	<i>Λουσιαδῶν</i>
D.	<i>Λουσιάσι</i>	<i>Λουσιάδαις</i>

São duas palavras bem diferentes, embora na flexão latina possam convergir, graças à possibilidade de terem um genitivo do plural idêntico *Lusiadum* e de, no acusativo do plural, se for usada a forma de flexão grega para o nome das «ninfas», as suas palavras diferirem apenas na quantidade da sílaba final: *nymphas-Lusiadās*; *lusitanos-Lusiadās*. Aí mesmo, se o nome das ninfas fôr seguido de uma palavra começada por consoante, o esquema métrico da sílaba final será idêntico nos dois acusativos:

Lusiadās + cons.: *Lusiadās*

Os quatro autores citados, a saber, F. Chapouthier, José Maria Rodrigues, Serafim Neto e Van den Besselaar, todos eles providos de uma formação científica segura, formulam objecções de carácter linguístico e semântico que invalidam a posição de Xavier Coutinho. Fernand Chapouthier, cujas opiniões são confirmadas, concluía o seu breve artigo, por estas palavras: «Tant que ces difficultés subsisteront, je crains qu'il ne faille considérer l'hypothèse de M. Coutinho comme infiniment plus fragile que celle des ses prédécesseurs qu'il s'est efforcé de ruiner».

Conclusão cautelosa de verdadeiro cientista.

Na realidade, nada há que anule a afirmação de André de Resende, de que foi ele o criador da palavra *Lusíadas*. Durante o século XVI, na poesia em latim dos humanistas contemporâneos de Resende, o vocábulo foi muito usado e jamais alguém negou ao eborense a sua invenção, numa altura em que tanto Caelius Rhodiginus como Ateneu, sua fonte, constituíam material bibliográfico de uso constante entre os humanistas.

A respeito da popularidade de *Lusíadas* na poesia latina quinhentista, o Dr. Xavier Coutinho tem opiniões contraditórias. Na página 162, dos seus já citados *Ensaio*s, escreveu: «D'autres écrivains l'employèrent également, mais jamais le mot *Lusíades* n'est devenu, même en latin, d'usage courant»; para, na p. 186 do mesmo livro, escrever: «On trouve fréquemment, au XVI^e siècle, dans les poésies latines des humanistes de la péninsule, à côté de *Lusitani*, le mot *Lusíadas* (nom.), *Lusíadum* (gen.) et *Lusíadas* (acc.), signifiant toujours les Portugais et regardé comme un dérivé de *Lusus*, fils ou compagnon de Bacchus au dire de la légende». E na p. 209: «En vérité *Lusíadas* était l'expression à la mode!».

Aqueles *Lusíadas* (nom.) são um erro, certamente resultante de gralha tipográfica. Mas a verdade é que a palavra se encontra com frequência na poesia novilatina, depois de 1531, como atrás disse.

O próprio Dr. Xavier Coutinho dela nos dá exemplos, alguns sugeridos anteriormente por Alfredo Pimenta, no seu artigo. Assim, para só falar de poetas novilatinos do século XVI, o Dr. Coutinho encontra *Lusiadas*, em André de Resende, Jorge Coelho, Manuel da Costa, Miguel e António de Cabedo (aos quais, não sei porquê, chama de Quevedo) e em Diogo Mendes de Vasconcelos (a quem, ignoro igualmente porquê, chama Menezes de Vasconcelos). Por outro lado, não cita um único poeta espanhol, apesar de afirmar a sua presença nos «humanistes de la péninsule».

Além dos já mencionados, encontrei-a em Inácio de Moraes ⁷, em 1554, num passo que se refere ao futuro D. Sebastião, ainda antes de nascer, já em tom messiânico que parece preludiar a ansiedade nacional que acompanhou a sua vida e a corrente de saudosismo e aspirações utópicas que seguiu à sua morte:

Nascere, parve puer, solio sessurus auito,
Ductor Lysiadum: nascere, parve puer.

«Nasce, pequenino, que hás-de sentar-te no trono de teus avós.
Ó guia dos Lusitanos! Nasce, pequenino!»

Os versos ecoam claramente o «parvus puer» da Quarta Bucólica virgiliana, a bem conhecida égloga a que os primeiros cristãos atribuíram sentido messiânico.

Também os poemas latinos das miscelâneas do Colégio das Artes de Coimbra, entregue aos Jesuítas por D. João III em 1555, contêm repetidamente o nome dos *Lysiadae*, palavra mais frequente que *Lusidae*, em latim. Assim acontece igualmente no manuscrito conimbricense, trazido de Roma para o Brasil e que hoje se encontra no Colégio de Santo Inácio, no Rio de Janeiro. Em vários poemas compostos à roda de 1562, portanto 10 anos antes da publicação de *Os Lusíadas*, aparece a designação de *Lysiadae*, em referência aos portugueses. Devo à amabilidade do Senhor P.^e Armando Cardoso, S.I., ter podido consultar este manuscrito.

De modo idêntico, no poema latino do P.^e José de Anchieta, *De Gestis Mendi de Saa*, saído em Coimbra anonimamente da tipografia

⁷ *Ignatius Moralis In Interitum Principis Ioannis*, no poema «Ad nacentem (sic) prolem Serenissimae Ioannae», versos 31-32.

de João Álvares, em 1563, a palavra ocorre cinco vezes, para designar os compatriotas de Mem de Sá.

A própria frequência com que é usada na poesia novilatina, de 1531 a 1572, e posteriormente, daria ensejo a rebater as pretensões de Resende, se elas não fossem justificadas.

Restituída a André de Resende a paternidade de *Lusiades, ae*, (*Lysiadēs, ae*), no plural *Lusiadae, um* (*Lysiadae, Lysiadum*), que geralmente aparece no genitivo do plural, resta abordar a questão do texto de Plínio, tirado de Varrão, em que ocorre a origem da palavra Lusitânia.

Transcrevendo uma nota de Resende, citei-o parcialmente. Mas vou mencioná-lo agora, em toda a sua extensão, pela edição de Froben, de Basileia, de 1539, posterior, portanto, 8 anos, à criação da palavra *Lusiadas* pelo humanista português: «In universam Hispaniam M. Varro pervenisse Iberos et Persas et Phoenicas, Celtasque et Poenos tradit. Lusum enim Liberi patris ac Lysam cum eo bacchantem nomen dedisse Lusitaniae et Pana praefectum eius universae». Ou em tradução portuguesa: «Marco Varrão escreve terem vindo à Hispânia, em geral, os Iberos, Persas, Fenícios, Celtas e Cartagineses; e que Luso, filho de Liber Pater, e Lisa, que em sua companhia celebrava os mistérios de Baco, deram o nome à Lusitânia, e que Pan, seu substituto, o deu a toda a Hispânia».

No meu livro de *Estudos Camonianos* mostro como foi este o texto que o grande humanista espanhol Élio António de Nebrija conheceu, interpretando-o da mesma maneira que Resende, quando escreveu a «Elegia de patriae antiquitate et parentibus authoris» que antecede a sua gramática latina, publicada no final do século XV. Este livro alcançou grande circulação em Portugal, e em toda a Europa, até porque está escrito em latim. Na Biblioteca Municipal do Porto, existe uma edição de 1534 que Alexandre Herculano para lá levou entre os livros do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra que fez transferir para o Porto. Tal obra podia ter sido perfeitamente utilizada por Camões, então com cerca de dez anos de idade.

Na elegia de Nebrija diz-se que Baco, «depois da perda do aliado, de quem tirara nome a Lusitânia, dirigiu os seus passos para o litoral do Calpe»⁸.

⁸ Et socio amisso a quo Lusitania nomen
Duxerat: in Calpes littora vertit iter.

Cf. A. Costa Ramalho, *Estudos Camonianos*, Coimbra, 1975, p. 13.

Em *Estudos Camonianos* igualmente exemplifico quanto a etimologia fantasiosa era corrente, com os versos do *Epigrammaton Libellus* de Lourenço de Cáceres, publicado à roda de 1513, em que o rei D. Manuel, o Venturoso, é chamado «Senhor dos ricos domínios de Lysa»⁹.

Agora, pretendo esclarecer observações, que não me parecem pertinentes, feitas ao passo de Plínio e sua utilização por André de Resende, em artigos de dois dos investigadores que atrás citei, a saber, José Maria Rodrigues e José Van den Besselaar.

José Maria Rodrigues na comunicação já referida à Academia das Ciências, em que fez chacota das «ninfas do rio Lousios», acusava André de Resende de ter alterado o texto de Plínio para forçar a sua etimologia, escrevendo: «Foi André de Resende quem teve a responsabilidade desta alteração. Em primeiro lugar foi-se às palavras de Varrão, transcritas por Plínio (*Lusum enim liberi patris aut lyssam cum eo bacchantium nomen dedisse Lusitaniae*), transformou os nomes comuns *lusum* e *lyssam* em nomes próprios, mudou o genitivo do plural *bacchantium* para acusativo do singular e depois comentou (...)». Seguem-se as notas interpretativas da autoria de Resende, transcritas no princípio desta conferência. Isto disse José Maria Rodrigues na sessão da Academia, de 24 de Março de 1938.

Posteriormente, também na Academia das Ciências, em sessão de 12 de Maio de 1938¹⁰, voltou a ocupar-se do mesmo assunto. Então, já não falou do participio do verbo *bacchari*, alterado por André de Resende, embora voltasse a citar o mesmo texto, mas afirmou: «A grave alteração introduzida por André de Resende no texto de Varrão cifra-se principalmente na passagem de nomes comuns para substantivos próprios. Assim, onde o escritor romano diz *lusum liberi patris aut lyssam cum eo bacchantium nomen dedisse Lusitaniae*, o erudito eborense lê: *Lusum Liberi patris ac Lyssam cum eo bacchantem nomen dedisse Lusitaniae*.

Vê-se a grande diferença do conteúdo, apesar da semelhança aparente dos textos».

O grande camonista estava, como vimos, enganado: Resende limitou-se a aproveitar a versão corrente em 1531, documentada ainda

⁹ (...) qui Lysae ditia regna tenes (fol. Aij).

¹⁰ Cf. obra citada na nota (6), p. 97.

em 1539, pela edição de Froben. Dez anos mais tarde, em 1549¹¹, a edição do impressor de Basileia já apresenta o texto que hoje é mais correntemente seguido. Mas o *Encomium Erasmi* havia sido publicado quase vinte anos antes.

Também José Van den Besselaar, cuja argumentação não difere muito da de José Maria Rodrigues, apesar de o não citar, se baseia na lição em que *lusus* e *lyssa* são substantivos comuns e o participio de *bacchari* aparece no genitivo do plural e não no acusativo, como na lição seguida por Resende.

Teria sido preferível que Van den Besselaar lesse André de Resende. E esta observação aplica-se igualmente ao maior dos camonistas portugueses, José Maria Rodrigues.

Com efeito, no *De Antiquitatibus Lusitaniae* que saiu postumamente em Évora, em 1593, pode ver-se como André de Resende estava consciente de tais objecções e lhes responde antecipadamente, logo nas primeiras páginas. E o seu editor, Diogo Mendes de Vasconcelos, reforça a resposta, em nota adicional no fim do volume, recordando que a interpretação de «*lusus*» como nome comum vinha já de Marciano Capela mas é inaceitável.

Em termos de crítica textual moderna, o testemunho deste escritor do século IV é um reforço contra a lição usada por André de Resende. Mas vejamos como o humanista, muitos anos depois da interpretação de Plínio, corrente em 1531, que lhe permitiu tirar do epónimo *Lusus* o nome humanístico *Lusitades*, defende a sua opinião de outrora. Vou citar o *De Antiquitatibus Lusitaniae*, logo na folha 1: «(...) enquanto alguns crêem que *Luso* e *Lysa* foram companheiros de Baco e que do nome do primeiro derivou *Lusitania*, assim como do segundo *Lysitania* (...), outros interpretam *Luso*, não como «homem», mas como «jogo» (*ludum*) ou «brincadeira» (*lusionem*). Estes parecem não reparar que não era possível tirar o nome da província, de uma palavra latina que talvez não fosse ainda conhecida, pois que essa designação vem do tempo do próprio Baco, se prestarmos crédito a Varrão, citado por Plínio.

«Também não falta quem escreva *Lyssa*, em vez de *Lysa*, isto é, *lyssa* a «raiva» ou «furor» das bacantes. Mas, celebrando as Ménades suas bacanais pelas diversas províncias, não percebo porque é que este

¹¹ Cf. A. Costa Ramalho, *Estudos Camonianos*, Coimbra, 1975, p. VII.

nome foi dado aqui e não em outro lugar qualquer, como recordação da dita «raiva». Acrescente-se que, se admitirmos que a província assim foi chamada, a partir dessa estranha, absurda e ridícula palavra, deverá dizer-se *Lyssitania* e não *Lysitania*. Mas todas estas divergências desaparecem, se não abandonarmos a lição antiga, e entendermos que *Luso* e *Lysa* foram pessoas, e admitirmos sem rancor que de Luso veio Lusitânia e de Lysa Lysitânia»¹².

Até aqui, a tradução do texto latino do livro *De Antiquitatibus Lusitaniae* de André de Resende.

Por outras palavras, aquilo que o humanista quer dizer é que, se Lusitânia há-de ter um étimo conhecido, se torna mais fácil aceitar um nome de pessoa, talvez fantasioso, do que palavras como «jogo» e «raiva», não menos fantasiosas.

Por isso, não é justo assacar-lhe a manipulação de um texto que ele aceitou na sua forma corrente em 1531 e que ainda preferia nos últimos de vida, quando trabalhava no *De Antiquitatibus Lusitaniae*.

Afinal, André de Resende, se pode ter inventado algumas inscrições romanas, à maneira do seu tempo, em toda a Europa, para exaltar Évora, sua cidade natal, nem por isso é um inveterado mistificador. Pelo contrário, quando percorridos com atenção, os seus livros em latim e em português revelam-nos uma das personalidades mais ricas intelectual e espiritualmente da cultura europeia do século XVI.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

¹² «(...) dum aliqui Lusum atque Lysam Bacchi fuisse comites credunt, a quorum altero Lusitania vocata sit, ab altero vero Lysitania (...) Alii Lusum, non hominem, sed ludum potius, seu lusionem interpretantur. Qui parum advertisse videntur, non potuisse eo tempore, a latina voce, fortassis non audita, provinciam denominari: denominata est autem Lusitania ex ipso Bacchi aevo, si Varroni, quem Plinius citat, fidem adhibeamus.

Nec desunt qui pro Lysa, Lyssam reponant, id est bacchantium rabiem atque furorem. Sed cum per diversas provincias Maenades bacchatae sint cur hoc nomen hic potius, quam alibi, tanquam rabici monumentum sit impositum non video. Adde quod si ab illa insolenti et absurda vocula provinciam dictam esse admittamus, non Lysitaniam, sed Lyssitaniam eam nominari oporteret. Verum cessant ista omnia, si veterem lectionem non abdicemus, et Lusum ac Lysam homines fuisse intelligamus, et a Luso quidem Lusitaniam, a Lysa vero Lysitaniam esse vocatam, aegre non admittamus».